

Tema: <b>Sector Vitivinícola</b>					Âmbito: <b>Nacional</b>	Tiragem: <b>121344</b>
Título: <b>Concentrar pode ser a solução</b>					Temática: <b>Generalista</b>	GRP: <b>11.7</b>
2006/12/22	JORNAL DE NOTÍCIAS – ESPECIAL	Pág.26	Imagem: 1/2		Periodicidade: <b>Sem periodicidade</b>	Inv.: <b>7390.00</b>

# Concentrar pode ser solução

O primeiro-ministro visitou o Douro duas vezes em menos de um mês. Primeiro, na Régua, depois, em Alijó, José Sócrates foi peremptório: "A concentração é a solução para as adegas cooperativas em dificuldades". A mensagem não deixa dúvidas sobre o que o Governo quer para o sector. A maioria das 21 adegas cooperativas da Região Demarcada do Douro (RDD) está com a corda na garganta e quem sofre são os vicultores, que não recebem o dinheiro das uvas a tempo e horas. E, quando chega, nem sempre compensa o esforço de meses de labuta.

São muitos os lavradores que se queixam dos 100 a 200 euros que recebem por pipa (550 litros) de vinho de mesa. Assim se percebe o seu desânimo. Desde o desafio de Sócrates às adegas, na abertura das comemorações dos 250 da RDD, o assunto mereceu melhor ponderação pelas visadas. Em Alijó, fala-se na fusão de quatro adegas e já se pisca o olho às de Murça e Sabrosa. Em Vila Nova de Foz Côa, a união das três cooperativas do concelho é hipótese. Desejo já assumido pelo presidente da instituição da sede concelhia.

O secretário de Estado da Agricultura, Luís Vieira, não se cansa de apregoar que o mercado evoluiu diariamente e que "é preciso ser mais competitivo, aumentando os níveis de produtividade". Não é isso que tem acontecido: "A forma como as cooperativas estão a responder ao nível da organização da produção e de mercado não é melhor". Para exemplificar, Luís Vieira fala nas adegas que demoram "dois e três anos" a pagar a colheita aos produtores.

O sucesso da inserção no mercado também é outra lacuna apontada. "Quando uma pequena cooperativa quer comprar rolhas, garrafas ou rótulos, fica muito mais caro do que se estiverem cinco ou dez adegas juntas numa estrutura empresarial. O mesmo se passa ao negociar com a banca", observa. Mais: "Não se pode correr o risco de continuar a apostar em linhas de modernização em todas as cooperativas". Para incentivar projectos mais competitivos, o secretário de Estado da Agricultura acena com os fundos comunitários que Portugal vai receber entre 2007 e 2013. "Vamos apoiar as empresas e as cooperativas que quiserem percorrer este caminho".

A União das Adegas Cooperativas do Douro (Unidouro) olha para a estratégia do Governo como uma solução, de facto, para os problemas da região. Mas "a ideia não é nova", defende José Manuel Santos, presidente do organismo. "Há muito tempo que a defendemos, embora não nestes moldes", afiança. A concentração de adegas afigura-se-lhe contra-indicada. "Entendemos que as cooperativas devem manter a sua autonomia nas localidades onde estão inseridas, conservando a mesma relação com os produtores. A seguir, cria-se uma estrutura empresarial em que todas participam de acordo com a sua dimensão e em que existe um órgão executivo profissionalizado que garante a gestão". No modelo defendido por José Manuel Santos também cabe o próprio Governo, através de capital de risco considerado essencial devido à descapitalização da maior parte das adegas.

EDUARDO PINTO





Tema: <b>Sector Vitivinícola</b>					Âmbito: <b>Nacional</b>	Tiragem: <b>121344</b>
Título: <b>Concentrar pode ser a solução</b>					Temática: <b>Generalista</b>	GRP: <b>11.7</b>
2006/12/22	JORNAL DE NOTÍCIAS – ESPECIAL	Pág.27	Imagem: 2/2		Periodicidade: <b>Sem periodicidade</b>	Inv.: <b>n.a.</b>

# Um exemplo

Em finais da década de 50 do século passado, nasciam no concelho de Santa Marta de Penaguião três adegas cooperativas: Santa Marta, Cumieira e Medrões. Então, foi o melhor modelo encontrado para resolver os problemas dos viticultores. Mas, com o passar dos anos, os dirigentes começaram a dar-se conta de que existia uma triplicação de esforços, que poderia ser muito mais útil se concentrada.

Acontece que, naquela época, o código cooperativo não previa este tipo de situação. Apesar disso, em 1972, as três adegas começaram a trabalhar em conjunto no sector comercial. O trabalho de base serviu para se concretizar a fusão por incorporação das três instituições em 1988, de que resultaram as Caves Santa Marta. Em 2001, foi considerada a melhor Adega Cooperativa do Ano. "Criou-se um bloco cooperativo com dimensão, que permite concorrer no mercado nacional e internacional", afirma o actual presidente da Direcção, Eduardo Lopes.

Ora, foi com este mesmo fito que as adegas cooperativas de Peso da Régua, Armamar e Tabuaço decidiram também juntar-se. No dia 1 de Janeiro de 2004, começavam a funcionar as Caves do Vale do Rodo. Pela primeira vez no Douro, adegas de três concelhos distintos percebiam que sozinhas não iam a lado nenhum.

"Ganhámos dimensão em quantidade e em escala", comenta Fernando Pinto, presidente das Caves do Vale do Rodo, sublinhando que se "minimizaram custos" ao nível da produção, engarrafamento, aquisição de serviços e material, entre outros.

A profissionalização dos quadros foi condição necessária para a gestão de uma estrutura que pretendeu, desde o início, apostar no mercado externo. Fernando Pinto destaca que a fusão "está a dar os frutos delineados no princípio", embora a harmonização total

apenas deva ser conseguida dentro de dois anos.

Os exemplos das Caves Santa Marta e das Caves do Vale do Rodo vão de encontro ao modelo que o Governo defende para as adegas cooperativas. Em ambos os casos, três instituições fundiram-se numa só. Mas nenhuma delas é tão hermética que não possibilite um alargamento do grupo. Tudo dependerá dos respectivos sócios.

Há 25 anos, a Adega Cooperativa de S. João da Pesqueira estava falida. O passivo era de 500 mil contos. "Terrível", classifica o presidente da instituição, Camilo Costa. Hoje, está de boa saúde e recomenda-se. Não tem constrangimentos financeiros nem deve qualquer campanha aos sócios. Foi preciso um plano de saneamento financeiro de 12 anos, com ajudas na ordem dos 15%, mas que, mesmo assim, precisou de "muito esforço da cooperativa e dos associados", pois, segundo diz Camilo Costa, "não caiu nenhum saco de dinheiro do céu".

A recuperação teve na base um lema: "Fazer o melhor produto para vender pelo melhor preço". Desta forma, conseguiram assegurar o pagamento atempado das campanhas aos associados, bem como acudir à amortização da dívida. O responsável, apelando aos agricultores para que "acreditem nas cooperativas", remeteu para mais tarde qualquer opinião sobre a eventual fusão com outras adegas.

EDUARDO PINTO

**Caves Santa Marta  
e do Vale do Rodo  
vão de encontro  
ao modelo que o  
Governo defende**



PEDRO CORREIA